

VOGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA ILUSTRAÇÃO
30, Rua da Alegria, 30.
End. teleg.: LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA
DIRECTORA
ESTELA SANTOS NOBRE
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO: ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.^a
REDACÇÃO — R. Cecílio de Sousa, 77, 1.º — Telef. N. 873
(Antiga R. da Procissão)
ADMINISTRAÇÃO — Rua Anchieta, 25 — Telef. C. 1084



M.ELLE RAYMONDE ALLAIN, QUE ACABA DE SER ELEITA «MISS FRANÇA», PARA 1928

ESTE NÚMERO TEM 12 PÁGINAS E FOLHA DE BORDADOS

Ayuntamiento de Madrid

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

VIDA ELEGANTE



A sr.^a D. Etelvina de Sousa Belino e o sr. João Lopes da Costa Alçada à saída da paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira, por ocasião do seu casamento realizado no dia 12 do corrente

DIPLOMATAS

No artístico e suntuoso palacete da Legação de França, ofereceram o ilustre ministro em Portugal e Madame Pralon, um jantar a alguns membros do Corpo Diplomático acreditado em Lisboa.

A mesa, que se encontrava primorosamente guarnecida de artísticas parcelanas de Sévres, preciosas pratas e lindas flores, tinha a seguinte distribuição:

Madame Pralon tinha à sua direita o Embaixador do Brasil, Viscondessa de Silveiras, Encarregado dos Negócios da Tcheco-Eslováquia, Madame Morelle e o conselheiro da Legação da Alemanha, e à esquerda o Ministro da Alemanha, Madame de Molina, Capitão Alexandre de Silveiras, Mademoiselle Cardoso dos Santos e o Secretário da Embaixada de Espanha; e Mr. Pralon tinha à sua direita Madame Cardoso de Oliveira, Encarregado dos Negócios do Paraguai, Madame Kaderabeck, Dr. Ferreira da Fonseca e Madame Godichon, e à esquerda Madame Voretzsch, Encarregado dos Negócios de Cuba, Madame Volckers, Alferes Mário de Carvalho Nunes e o secretário da Legação de França.

Os ilustres diplomatas foram incansáveis de amabilidade para com os seus convidados, pondo assim mais uma vez em destaque as suas fidalgas qualidades de carácter.



O inspirado compositor da Póvoa do Varzim, sr. Josué Trocado, com os brilhantes interpretes da opereta «...com amor se paga», que foi representada no Politeama na noite de 15 do corrente em recita de caridade a favor das Oficinas de S. José

FESTAS DE CARIDADE

Como dissémos no nosso último número, realizaram-se nos teatros Politeama e Gimnásio nas noites de terça-feira, 15, e quarta-feira, 16, respectivamente nesses teatros duas elegantíssimas recitas de caridade organizadas por duas comissões de senhoras da nossa primeira sociedade a favor, a primeira, das Oficinas de S. José, e a segunda do Seminário de Santarém.

Foram duas noites de requintada arte, constando a primeira da representação da opereta em dois actos original, musica e poema, do

ESPARTILHOS E CINTAS



"POMPADOUR"

OS MELHORES
OS MAIS RESISTENTES
E OS MAIS ELEGANTES

"A POMPADOUR"

CASA DE ESPARTILHOS E CINTAS

128 — Chiado — 30

sr. Josué Trocado, da Póvoa do Varzim, que teve ocasião de evidenciar uma bela inspiração na lindíssima partitura, à qual o brilhante grupo de amadores que tinha a seu cargo os principais papeis, em que sobressaíram as sr.^{as} D. Maria Regina da Silva Carvalho Vieira e D. Emília Inigüês de Almeida Lamas, e os srs. Francisco Regalo Correia e José Gambôa Abranches Jordão, dera mextraordinário relêvo.

Os restantes personagens foram desempenhados pela sr.^a D. Maria Isabel de Sousa Martins Braga e os srs. José Zuzarte de Mendonça e Carlos Moniz Pereira; Alvaro da Câmara Horta e Costa e Alberto de Saldanha da Gama de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal), concorreram para o harmonico conjunto, bem como os côros, em que tomaram parte grande número de senhoras e rapazes da nossa melhor sociedade. Nessa opereta ainda é digna de nota especial



A ilustre declamadora sr.^a D. Georgina Cardoso dos Santos com um grupo de senhoras e rapazes da nossa primeira sociedade que tomaram parte na elegante festa de caridade realizada no Gimnásio a favor do Seminário de Santarém

a sr.^a D. Emília de Almeida Serra, que no primeiro acto cantou uma encantadora canção, durante a qual um gracioso grupo de baile, composto de graciosas meninas da nossa melhor sociedade elegantemente vestidas de venezianas, puzeram uma nota de alegria e bom gosto, tendo sido acompanhadas pelas sr.^{as} Ignês da Câmara Machado e D. Alda Pimentel, que executaram sós vários bailados.

Completo o programa um fim de festa em

nho de Oliveira, e da passagem no «écran» da película em duas partes «O Afilhado de Santo António», sobre um conto do notabilíssimo poeta sr. dr. Afonso Lopes Vieira, estando também o desempenho a cargo dum grupo de minúsculos artistas, entre as quais são dignos de nota os que interpretavam a «Bruxa», a menina Maria Ignês Barahona (Esperança); «O Afilhado de Santo António», menino Luis Augusto de Sampaio Forjaz Trigueiros; «Santo António», menino Miguel Duarte de Sampaio Forjaz Trigueiros, e «O cavaleiro», menino D. António de Mascarenhas (Torre), que imprimiram a êsses personagens extraordinário realce.

A primeira parte do espectáculo foi preenchida pela brilhante declamadora sr.^a D. Georgina Cardoso dos Santos, que disse magistralmente algumas poesias de seu marido, o notável poeta sr. Cardoso dos Santos, e de outros poetas, e o



Duas distintas bailarinas amadoras, discípulas de Madame Britton's, que tomaram parte na opereta «...com amor se paga», que na noite de 15 do corrente se representou no Politeama em recita de caridade a favor das Oficinas de S. José

lina Ribeiro Lopes, interessante filha da sr.^a D. Rosa Ribeiro Lopes e do sr. João Rodrigues Lopes, com o sr. Alfredo Martins de Carvalho, filho da sr.^a D. Maria de Jesus Carvalho e do sr. João Martins de Carvalho, tendo servido de madrinha a mãe da noiva e de padrinho o sr. Joaquim António Russo de Aguiar.

Na «corbeille» via-se grande número de artísticas prendas.

Para seu filho Fernando, foi pedida em casamento pelo sr. António Avelino Ribeiro, a sr.^a D. Mariana Calinas, gentil filha da sr.^a D. Maria da Piedade Calinas e do sr. José Nunes Calinas, já falecido.

A cerimónia deverá realizar-se por todo o corrente ano.

NASCIMENTOS

Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Prazeres de Bettencourt Ochôa, esposa do comandante Ochôa, Ministro de Portugal em Paris. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— A sr.^a D. Maria Francisca Pinto da Costa de Sá Carneiro, esposa do sr. dr. José Gualberto de Sá Carneiro, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Maria Leopoldina Plantier Martins Freire, esposa do sr. Mário Freire. Mãe e filho encontram-se felizmente de saúde.

— A sr.^a D. Maria Francisca da Câmara de Sá Nogueira, esposa do sr. Francisco de Albuquerque Sá Nogueira (Sá da Bandeira), teve o seu bom sucesso. Mãe e filho estão felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Maria Irene Nogueira de Figueiredo Negrão Santiago, esposa do sr. Feliciano Santiago. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— Em Vila Meã, teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Alice Pinto Gomes, esposa do sr. Francisco Pinto Gomes. Mãe e filha estão de perfeita saúde.



ELEONORA AMZEL

ESTA grande pianista polaca que tamanho êxito obteve entre nós ultimamente, devido à arte suprema com que interpreta os maiores músicos do mundo, viu-se forçada há semanas a adiar o seu magnífico recital de piano devido à gravíssima doença que a acometeu. Completamente restabelecida a ilustre «virtuose» apresenta-se hoje ao público lisboeta num grande concerto que às 16 horas dará no Gimnásio interpretando algumas das mais belas páginas dos maiores compositores de música do mundo inteiro.

É de prever que, ao concerto da ilustre pianista, concorra tudo quanto de mais distinto conta entre nós o mundo da arte.

CASAMENTOS

Realizou-se na Basílica da Estréla o casamento da sr.^a D. Carmen da Silva Rodrigues, gentil filha da sr.^a D. Ana Lopes da Silva Rodrigues e do capitão de Mar e Guerra, ilustre lente da Escola Naval, sr. Apelinio Gomes da Silva Rodrigues, com o distinto capitão de Mar e Guerra Engenheiro Naval, sr. António Joaquim de Lima Santos, filho da sr.^a D. Virginia Rodrigues de Lima Santos e do sr. Vitor Manuel de Lima Santos, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Findo o acto religioso foi servido na residência dos pais da noiva um finíssimo «lunche», da «Garrett», seguindo os noivos depois para o Grande Hotel de Itália, no Monte Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Na paroquia igreja do Bomfim, no Porto, realizou-se o casamento da sr.^a D. Rosa Ange-



Grupo dos côros que tomaram parte na opereta portuguesa «...com amor se paga», representada em recita de caridade no Politeama na noite de 15 do corrente, vendo-se ao centro o maestro e autor sr. Josué Trocado

CARTA DE PARIS CRONICA DA SEMANA O SEXO FRACO

A SCIENCIA E A BELEZA

Minha querida filha:

Já embarcaram para a América as mais lindas raparigas da Europa. Qual alcançará a glória: a loira ou a morena? Que problema tão grave! Dir-se-ia que a sorte do mundo inteiro depende da decisão dum júri americano.

Enfim, é preciso passar o tempo. E nesta altura, em que a estação vai bem adiantada, ainda há muitas recepções, exposições e «premières».

As representações da Ópera de Viena atraem imensa gente e o ciclo de Mozart tem tido um enorme sucesso. Fidélio, a ópera tão pouco representada em Paris, levantou um grande entusiasmo. O Casamento de Figaro vai ser um delírio.

A par disto, a «Comédie Française» festejou ontem o cinquentenário do seu decano Silvain, o artista incomparável que, com 77 anos, repre-

dar crédito aquilo que, diariamente, se poderá ler nos jornais e revistas da especialidade, forçosamente seremos levados a concluir como a personagem da zarzuela célebre: *Lo que la ciencia hay adelantado hoy en día es una barbaridad!*... Mais que o desejo de saber, o que determinou o homem a tantas descobertas foi a ambição da comodidade extrema: não fazer nada ou conseguir tudo sem esforço nem trabalho, eis o lema das gerações modernas, indolentes, gastas, estereis, desnaturadas e infinitamente egoístas... Caminhamos para a morte do esforço pessoal, para a inutilidade do estudo, para a vitória definitiva da imobilidade absoluta. Não deve vir longe o dia em que tudo será automático, feito por meio de molas, de vontade pura e simples e... de pilulas. Se o homem precisar de se levantar, um aparelho se encarregará de o pôr a pé, atirando-o em seguida para outro que o lave, lhe faça a barba, lhe ponha a risca ao lado... Não haverá criados em carne e osso e muito menos criadas, sobretudo em casas de família: a comida virá pelos fios e penetrará pelas ventas do consumidor como um pouco de mentol em caso de constipação... Posso mesmo afirmar que raros serão os que hão-de sair de casa... Ir ao teatro para quê? Seria um esforço inútil: a voz, o movimento, a luz, o vulto humano, tudo teremos ali, encerrado adentro das quatro paredes do nosso lar: um botão que se comprime, ou, quiçá, uma simples manifestação da vontade e pronto!... Estou em crer que tudo quanto constitui a vida irá por este teor, e não andarei longe da verdade se afirmar que, até o amor será automático, sendo as mulheres, os homens e os sentimentos — belos ou mesquinhos — da Humanidade, obra de novas criações da Sciencia, e como tal reduzidos a molas e comprimidos...

Simplemente, elidindo da existência o esforço pessoal, substituindo Minerva pela Preguiça, o homem terá morto em si toda a razão de ser e toda a beleza: terá mesmo chamado irremediavelmente a Morte porque, tudo se resumirá na imobilidade, e a grande verdade é que, «parar é morrer»... Criar é ter vida: ora, o homem, num futuro próximo, deixará de criar... Tenho a certeza disso e essa terrível certeza mais se confirmou no meu entristecido espírito desde que, há dias, ouvi um piano reproduzir por meio de fios eléctricos a técnica maravilhosa do grande Busoni e ao filtrar este musico extraordinário, pelos seus dedos, a alma romântica de Chopin... Fiquei sabendo duma vez para sempre que, não se podendo fazer hoje melhor musica do que se fez em tempos aureos, tudo se reduz a aproveitar os grandes musicos mandando-os reproduzir o melhor possível essas obras antigas, enquanto um aparelho electrico vai registando para sempre a interpretação genial: o momento de ouro ficou fixado! E só restará depois tirar cópias — electricas também — para que nós, sem os incómodos de ir ao estrangeiro, possamos ter ao nosso serviço um Paderewsky, um Kubelik, um Busoni, pianistas, violinistas, violoncelistas, cantores e can-

toras, actores, e actrizes, maravilhosos. Já tinhamos o gramofone, — avestema bastante fanhosa, vamos lá! — e o qual fingia descaradamente pôr à nossa disposição um Chaliapine ou uma Barrientos; já tinhamos as sôpas Maggi que se fazem em dois minutos; igualmente estavam e estão ao nosso dispor a conversa de Lisboa para Madrid, e os retratos tirados em Nova York dum literato que esteve na Brasileira do Chiado... *Lo que la ciencia hay adelantado es una barbaridad*: agora já temos o piano reproduzidor e, na sexta-feira passada, no Conservatório, e mediante a aplicação duma corrente electrica, vi como esse instrumento martirizado e martirisado, reproduzia fielmente a *Polonaise em fá bemol*, de Chopin, tocada por Busoni; as *Pièces espagnoles*, de Falla, a *Cantiga de amor*, de Viana da Mota, e o *Mimete*, de Paderewsky, tocados pelos autores... Note-se que, para a execução maravilhosa de tão belas coisas, ainda um piano foi utilizado: a sciencia ainda não chegou ao que queria... Mas, tempo virá em que todo o mal esteja remediado: ainda se há-de inventar a pitada de Paderewsky, os comprimidos de Viana da Mota, ou, — saindo dos domínios do piano, — as inalações de Kubelik e as injeções hipodermicas de João Passos!...

Não me chamem pessimista, ou amante de velharias se assim escrevo!... Tivesse eu cinquenta contos — pouco mais ou menos quanto custa o instrumento que ouvi! — e logo correria a entregá-los ao representante da casa construtora do automato... Sou do meu tempo e não desadoro a sciencia. Mas a verdade é que, estas invenções, não sei bem se concorrerão para tornar pior a Humanidade. Afigura-se-me tristemente caminhar para a inacção e, portanto, para a morte: se eu poder ter em minha casa tudo, não mais farei um movimento, não estudarei coisa nenhuma, e não criarei nada — nem sequer más situações... Quem tiver a paixão das coisas belas, entre as quais a musica — e é o meu caso — para que demonio há-de passar anos a estudar, martelando o piano com os exercícios do Czerny ou diluindo os miolos com as subtilidades do contraponto e fuga? Para quê aspirar nas aulas ao apuramento para a virtuosidade se a gente, — não contando já com a impossibilidade quasi absoluta de vir a ser génio! — pode ter junto de si o grande Paderewsky ou esse extraordinário musico que se chamou Busoni? Estudar? Trabalhar? Consumir tempo e paciência? Para quê? A gente caminha a passos de gigante para o automatismo puro, senhores! Em matéria de tudo, sem excluir até o amor: os filhos, se não forem suprimidos — aspiração de muita gente moderna! — vão passar a sair das retortas ou dos Armazens Grandela, se não for tudo questão apenas duma cultura especial de laboratorio, e sem nada que ver com as alegrias e dores da maternidade... Aham, porém, os senhores que, quando assim fôr, o mundo continuará a ter beleza e razão de existência?

ROSA TIRANA.

QUAL DAS DUAS?

POR CRISTIANO LIMA

Jorge, 20 anos: Impetuosidade. Romantismo. — Carlos, 30 anos: Ponderação. Raciocínio. — Ricardo, 35 anos: Filosofia. Scepticismo.

JORGE (como que prossequindo uma conversação) — O primeiro amor... Que sei eu?



Odeio-o, porque quanto mais o persigo, mais ele me foge. Se me interrogam como o desejo, respondendo sem uma hesitação. Se me perguntam em que ele consiste, minha alma debate-se em grandes dúvidas; em minha consciência travam-se grandes lutas.

Entro num eléctrico; olho atentamente todos os passageiros e descubro, entre eles, uma rapariga duma beleza discreta, suave, quasi diáfana. Seu sorriso tímido parece, a custo, aflorar-lhe aos lábios; seus olhos claros reflectem

a pureza, a alma virgem da divina emoção; seus movimentos traem uma sensibilidade delicada, deixam adivinhar um coração pequenino e cândido. Estremeço, sinto que estou fitando a minha felicidade, receio que esteja obedecendo à força cega e enigmática do destino.

Entro depois, num cinema, enervado. Olho o écran, vejo moverem-se as figuras, perpassar as scenas. Mas, tudo me parece incompreensível e vago. A visão da passageira, gentil e loura, domina-me. E, de súbito, ao iluminar-se a sala, deparo no balcão, em frente, com uma outra rapariga, quasi morena, de olhos negros e profundos, animados duma vida estranha e ardente. Meu olhar, que a principio é indiferente, torna-se curioso. E essa rapariga atrai-me, invencivelmente; infiltra-se no meu espirito, perturba-me. Pouco a pouco, a outra, vai perdendo sua beleza, seu encanto, seu prestigio. E já, com dificuldade, que a visio, de tal modo ela se torna vaga e se vai dissipando. Qual das duas seria para mim o amor? A primeira? A última? Que dizem vocês?

CARLOS — Que te hei de eu dizer? Acusar-te de teres vinte anos, de possuíres a lógica fria, pueril, da tua idade, passando da realidade para a nêvem, da nêvem para a realidade, tomando uma pela outra, amando ambas, sem compreender nenhuma?

JORGE — Se fôsse pueril e frívolo, ter-me-ia apaixonado pela primeira, com a ardência de todos os fanáticos, obedecendo à imaginação como o antigo escravo ao senhor feudal. Ou então, deixar-me-ia arrebatado pela segunda, esquecendo, levemente, vertiginosamente, a primeira. Hesitei — e hesitar é reflectir.

Admira-me, portanto, que uma pessoa tão

MISS Jess Reynolds, chegada recentemente de Londres e Bayona, vai tentar atravessar os Pirineus, o sul da França, a Itália, a Yugoslávia e a Roménia, a fim de atingir Constantinopla. De automóvel? De caminho de ferro? De avião?

Não. Miss Reynolds, desprezando todos estes meios de comunicação, resolveu fazer esta viagem a pé, por pequenas etapas. Interrogada sobre os objectivos dessa sua tentativa, explicou:

— Chamam à mulher o sexo fraco. Vou provar o contrário, e distrair-me um pouco. Nos últimos anos vivia muito aborrecida em Inglaterra...

É indiscutível que miss Reynolds possui três grandes méritos: o da energia, o da coragem e o da originalidade.

Numa época em que a aviação e o automobi-



Modelo a que se refere a nossa Carta de Paris

sentia os seus papéis sem nenhum desfalecimento de memória.

Eis a crónica teatral desta semana.

Eu sei que a da moda te interessa muito mais e depressa eu te vou dar algumas novidades.

Usa-se imenso as fazendas lavradas e principalmente as estampadas com bolas. Os «foulards» tão queridos dos nossos avós fazem hoje adoráveis vestidos e é principalmente o azul marinho e branco que tem a minha preferência.

A grande novidade fantasista da estação são as écharpes que lançou Chanel, e que se vêem em toda a parte. Elas alegam facilmente uma sala, e tu compreendes bem porquê, se eu te disser que são tricolores. Sim, minha querida, uma linda barra vermelha, talvez um pouco clara, uma outra azul num tom vivo sobre um tecido branco e temos a bandeira francesa.

Todo Paris resplandece com as cores nacionais.

Eis os modelos de dois vestidos que eu deixo à tua escolha. O primeiro é em crepe «georgette» branco. A saia é plissada; e o corpo, liso, é guarnecido com um «jabot» no mesmo tecido, assim como as mangas.

O segundo é em crepe «marocain», cinzento claro, e tem aplicações sobre a saia, em azul marinho. O corpo do vestido é trabalhado em grupos de nervuras.

E agora, minha querida, abraça-te ternamente, a tua tia, muito amiga,

NUELM.

VOGA

E' uma publicação honesta. Está nisto a garantia do Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

DUBARRY SALVA DO CADAVALSO...

Na nova revista do Moulin-Rouge, havia um sketch histórico sobre a Dubarry, a qual era interpretada pela Mistinguett.

O tribunal revolucionário funcionava fóra do palco, pois o ensaiador tivera a bizarra ideia de instalar os juizes no logar destinado à orquestra. Quando appareceu um *sans-culotte* no logar do maestro, interrogando a Dubarry, a quem a visão anticipada do cadafalso fazia tremer de medo, uma voz trocista das galerias increpou-o:

— Olha, toca antes um bocadinho de trombone para a gente ouvir...

Rebentou em toda a sala uma gargalhada formidável e, minutos depois, a Dubarry-Mistinguett era salva do cadafalso porque o público tornado tão feroz como os juizes do tribunal revolucionário, guilhotinou o sketch...

Todas as grandes casas de costura, de chapéus, de perfumes, de peles, de artigos chics de

PARIS,

abrem hoje novas instalações nos Campos Eliseos. E' no coração desse bairro da Europa que está um

HOTEL PORTUGUÊS,

cujo conforto, honestidade, preços modicos o recomendam melhor que todo o réclame.

É o HOTEL DE DELFT — 30, Rue Montaigne — Hotel para familias e senhoras que viajem sós. — Peçam prospectos.

ECOS E COMENTÁRIOS AS MODAS EM A DANÇA DE AMANHÃ

A «MISS» FRANÇA DE 1927

O concurso de Galveston do ano passado, fez correr oceanos de tinta, originou muitos artigos vibrantes de indignação. A parcialidade, suposta ou verdadeira, do júri atribuindo quasi todos os primeiros prêmios às americanas, visitou a Europa.

As próprias rainhas de beleza de vários países do velho continente, ficaram humilhadas com a sua derrota.

A «miss» França de 1927, regressando da América vencida, depois de aceitar, com um sorriso de ironia desdenhosa, o punhado de *dollars* que lhe ofertaram como prêmio de consolação, alugou logo o seu prestígio, a uma casa de produtos de beleza.

Em vários réclamos a rainha destronada mostrava, numa fotografia, a sua formosura impecável para aconselhar as leitoras dos jornais de modas:

— Compre os produtos de beleza da casa X... É a eles que eu devo grande parte da minha formosura.

— «Se calhar deven!»—murmuraria, com azedume, qualquer mulher a quem a quem a fealdade tivesse arremessado para as antipáticas regiões onde o despeito edificou seu reino!...

O MAIS ANTIGO CAFÉ DE PARIS

O primeiro café de Paris apareceu no longínquo ano de 1725 e tem sabido resistir, impassível, a todos os revezes da fortuna e a todas as transformações da política. Durante a sua existência, Luís XVI foi guilhotinado, a monarquia desapareceu, Napoleão foi exilado, a restauração monárquica derrubada, a Comuna de Paris vencida e a república reimplantada.

Seu primeiros frequentadores foram célebres e passaram à imortalidade: chamavam-se Derville e Voltaire.

Actualmente o café *Procope* é um estabelecimento modesto e a sua clientela é composta de pessoas que não conseguirão de certo ficar na memória dos vindouros.

A GENEROSIDADE DE FRANÇOIS DE CUREL

FRANÇOIS de Curel, um dos raros dramaturgos franceses que, um pouco à maneira ibseniana, debatiam, no teatro, os mais áridos e mais angustiosos problemas da alma humana, nunca assistia à primeira representação das suas peças. Passava essas noites nas *Folies Bergères* ou nos corredores do *Olympia*, sem prestar a menor atenção, devido ao excessivo nervosismo de que estava possuído, aos números de acrobacia ou à graça picante das cançonetistas.

François de Curel era também industrial, na sua província, a Lorena. Dele se conta este gesto magnífico que releva bem o seu excelente coração e a sua alma de artista.

Um dia vieram dizer-lhe que um dos seus operários caíra dentro do cadinho de metal em fusão.

Curel ordenou que se deixasse esfriar o cadinho, o qual tinha duzentos mil francos de aço, mandando-o colocar a meio do grande jardim da fábrica.

Pela primeira vez, um humilde teve um título superior ao de muitos príncipes, um título que custou perto de duzentos contos da nossa moeda.

ELES ESTAVAM DOIDOS...

FALA-SE numa nova guerra — ao que parece, com o fim de aumentar o número dos concorrentes ao prêmio Nobel da paz... Os engenhos mortíferos aperfeiçoam-se, incessantemente. Segundo uma revista inglesa, os alemães descobriram, ultimamente, um gaz que transforma os exércitos de soldados em exércitos de loucos.

Semelhante invenção assemelha-se muito às patranhas geradas pelos humoristas.

Dela, porém, se pode extrair esta conclusão pessimista: perante o gaz não há heróis invulneráveis. Desta vez o seu calcanhar de Aquiles será — a loucura.

☞ ☞ ☞ ☞

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O QUE NÓS PRETENDEMOS

VOGA Não pretende ter lucros materiais com o SALÃO DA ELEGANCIA & ARTES DECORATIVAS: pretende, sim, realisar um espectáculo europeu.

O IMPERIO DA BELEZA E AS MULHERES DE : : : FRANÇA : : :

Os vestidos que M.^{lle} Raymond Allain envergará no concurso de Galveston

VOGA

UMA FORMOSA RAINHA DE DEZOITO PRIMA- : : : VERAS : : :



Três lindas e magníficas criações da grande modista de Paris M.^{me} Jenny

EM Paris, houve, ultimamente, um concurso extremamente *chic* que fez um extraordinário furor nos meios mundanos e artísticos: — o campeonato internacional de dança. O primeiro prêmio, da categoria dos profissionais, coube a um par formado pela espanhol Henri Catalan e pela francesa mademoiselle Théma.

O primeiro prêmio, da categoria dos amadores, foi atribuído ao par espanhol Matéo-Persol. As danças que faziam parte do concurso eram o *one step*, o *fox-trot*, o *tango* e o *boston*.

A luta travou-se em volta de dois métodos ou melhor de duas escolas: aquela em que predomina uma técnica perfeita, uma calma quasi absoluta e uma correcção quasi académica de atitudes; e a outra toda fogosidades, duma vida estuante e duma agilidade frenética.

Venceu a primeira, embora os que assistiram a este concurso fossem, na sua maioria, partidários apaixonados da segunda.

O prêmio do *charleston* que não figura entre as danças do salão, não coube, contra toda a expectativa, a um negro ou a um americano, mas sim a um francês.

A novidade deste concurso foi a aparição de *Sale* que, é, segundo se afirma, a dança de amanhã.

Este concurso recorda o final do segundo acto da famosa opereta *A Dama Roxa*, em que um dos personagens, apontando um japonês, vencido por um banal valsista no amor duma mulher, exclama:

— Pobre Japão! Para que te vale teres vencido a Rússia, se afinal, nem, sequer, sabes dançar...

Na capa da *Voga* publicamos hoje o retrato da *miss* França deste ano, a qual irá disputar ao grande concurso internacional de Galveston o título de rainha de beleza do mundo.

Certamente que essa fotografia, onde apenas a cabeça foi focada, excita a curiosidade justa de todas as nossas leitoras e como o assunto é de interesse mundial, *Voga* tem todo o interesse em apresentar às suas leitoras a «miss» France em toda a plenitude da sua beleza e elegância.

Pela gravura constata-se que a «miss» de 1928 reúne ao seu rosto expressivo e meigo, ao seu olhar cheio de ternura e bondade, as suas feições correctísimas de Madona clássica e a elegância do corpo.

Nesta nossa página apresentamos a graciosa francesa com o seu fato de banho em branco e dourado que cingindo-se-lhe ao corpo deixa aperceber a linha gracil e flexível das suas formas, de curvas doces e perfeitamente delineadas.

«Miss» France levará ao grande concurso a graça parisiense da sua formosura e a elegância requintada da sua maneira de vestir, de que as parisienses são as únicas possuidoras.

«Miss» France apresenta-se no seu fato de banho na plenitude cheia de frescura e encanto das suas 18 primaveras onde a natureza se esmerou em fazer uma das suas obras de arte perfectas, onde esculpiu caprichosamente uma ditosa Deusa cónscia do seu poder.

As «toilettes» da «miss» France reúnem toda a elegância «raffinée» que os grandes costureiros imprimem às suas criações e a sua possuidora empresta-lhe a maravilhosa graça da sua linha gentil dos seus gestos languídos onde perpassam ternuras expressivas da sua íntima personalidade.

As sedas e pedrarias que a envolvem num halo de luz não lhe roubam a harmonia suave da sua cintura flexível que se adivinha ao mais leve requebro da sua estatura forte e bem proporcionada.

Qualquer dos dois modelos de vestido de noite que «miss» France veste tão distintamente é uma linda criação de Jenny e assenta maravilhosamente na esbelta e gracil «miss».

Um é completamente bordado a contas prateadas descendo em longas franjas abaixo do vestido. É um vestido direito e travado, duma linha muito simples e discreta, onde o prateado das contas sob os raios luminosos da luz que nos bailes os lustres profusamente derramam parece um luar coalhado que nesta fotografia renda homenagem à mais linda mulher de França envolvendo-a no seu manto de luz pávida.

O segundo é em «voile» de seda azul pálido, «pailleté» de azul turquesa e contas.

É este modelo dum corte estranho e feio complicado e original que graciosamente cai em pontas desiguais envolvendo a deliciosa «miss» França e dando-lhe uma linha graciosa e singular.

Mademoiselle Raymond Allain a «miss» França de 1928 deve marcar na América o lugar de destaque que a França merece.

O nosso interesse por «Miss» França está longe de ser reclame mas unicamente tem em mira fazer justiça a uma mulher bela.

Voga presta neste número a homenagem à «miss» França, publicando o seu retrato na capa, na secção de «Modas em *Voga*» e na sua dupla página central no intuito de fornecer às suas leitoras todas as fotografias que dizem respeito a um assunto que interessa toda a mulher, numa reportagem o mais modernamente perfeita.

MADemoiselle X.

M A L A S E CARTEIRAS ALTA NOVIDADE

BASTOS SILVA, L.^{DA} Rua de S. Nicolau, 81

VOGA, APRESENTARÁ EM BREVE OS SEUS PRODUCTOS DE BELEZA

A decoração do lar, para um resultado simultaneamente elegante e sóbrio, é de mais difícil realização do que poderá parecer à primeira vista.

A cada compartimento competem uma decoração diferente, um ambiente especial.

Na sala íntima onde se recebe, amigavelmente e sem cerimônia, convidados habituais para o chá das cinco, deve haver em todo o ambiente um ar acolhedor e alegre, móveis claros e cretones, «napperons» e «store»s bordados a cores, tudo numa infinita alacridade que incita à alegria e à verbosidade.

Na casa de jantar deve-se manter o mesmo ambiente; a alegria deve reinar em tudo pois uma casa de jantar solene e soturna tiraria não só a boa disposição de espírito, como até o apetite.

A decoração moderna bastante contribui para estas facilidades e preferências pois os antigos móveis, negros e pesados, foram substituídos por móveis muito claros com decorações estranhas e tendo em todo o seu aspecto o ar afável e atraente que tão certo está hoje com a nossa maneira de sentir.

Temos, por exemplo, o escritório e o salão de visitas cerimoniais que requerem móveis suntuosos e sérios a infundir respeito. O escritório deve ser todo concentrado, sem demasiadas distrações decorativas.

No escritório, aonde o pensamento se espalha em longas fantasias artísticas ou se concentra em cifras de responsabilidades comerciais, tudo deve ser sério e grave para não distrair futilmente.

No salão deve haver gravidade, mas uma gravidade luxuosa, cheia de reposteiros e bibelots, móveis ricos de aparato, espelhos enormes em que a talha, enquadrando-os, os faça ressaltar numa nota bela de grande suntuosidade e magnificência.

E é neste ambiente que as visitas cerimoniais trocam as habituais palavras de amabilidade e lisonja na sua visita que a praxe manda seja curta e atenciosa.

Ao quarto de cama, ao quarto de «toilette» e ao «boudoir», uma nova decoração lhes está destinada.

Esta também deve ser luxuosa, mas mais delicada e subtil, com os seus tules transparentes e flexíveis, as suas colchas de seda em lindas cores discretas e puras, que são as cores belas em que se fabricam estes tão lindos

O DOCE... NUNCA AMARGOU

LAMPREIA DE OVOS COM RECHETO DE ESPÉCIE

Assucar pilado, 900 gramas; Amendoas doces, 125 gramas; Gêmas de ovos, 50; Obreia, 7 bocados; Marmelada vermelha, 7 bocados; Passas, 7 bagos.

A lampreia de ovos é um doce armado em que há a atender não só a perfeição da massa, como a disposição dela.

Deve assemelhar-se na forma ao peixe que lhe dá o nome.

Tomam-se trinta e seis gêmas de ovos, rompem-se-lhe as películas e passam-se por uma rede fina para que só passe o conteúdo delas.

Põe-se ao lume o assucar todo com uns quatro decilitros de água ou pouco mais, e leva-se a calda a ponto de espadana.

Esta calda tira-se do lume e vai-se deitando aos poucos num tacinho de latão bem limpo, que se põe ao lume, e no qual com uma colher que comporte proximamente o volume de duas gêmas de ovos (30 c³) uma colher de servir arroz, por exemplo, se deita de cada vez uma colherada. As gêmas alastram sobre a calda, formando uma membrana contínua, que se não deixa enfoliar, assentando sobre ela a parte convexa duma escumadeira, e que depois de cosida, se tira com a mesma escumadeira, dispondo-a sobre uma peneira a escorrer.

Esta operação repete-se até se acabarem as gêmas preparadas.

A parte que ficara para baixo no tacinho, é a que depois fica para fóra no fôrro da lampreia.

Pela-se a amendoa, metendo-a em água quente, e depois pisa-se perfeitamente no almofariz e deita-se a massa resultante na calda de assucar que fica da primeira operação, mexendo bem a mistura, para homogeneizar a massa, que, em seguida se tira do lume e se deixa arrefecer.

Depois, deitam-se nesta massa as restantes quatorze gêmas de ovos, mexe-se muito bem e leva-se novamente ao lume até tomar a conveniente consistência.

Com esta massa, «espécie», arma-se a lampreia enrolada sobre uma folha de obreia assente sobre papel grosso, ou melhor, sobre cartão de amianto; cobre-se cuidadosamente com as membranas formadas pelas gêmas de ovos cozidas na calda, põe-se-lhe uma língua formada de marmelada vermelha, olhos formados por passas de uva pequena, etc.

Leva-se assim preparada ao forno até que o calor dêste produza na superfície da lampreia manchas de tostado que façam lembrar manchas das lampreias naturais.

As lampreias de ovos são em geral um doce para presente; nas confeitarias são preparadas geralmente com muito pouca arte, mas quando se preparam em casa, podem merecer muito mais atenção.

Uma pintura com gema de ovo misturada com um pouco de tinta de anil deve dar à lampreia um tom verde que se aproxime mais da verdade.

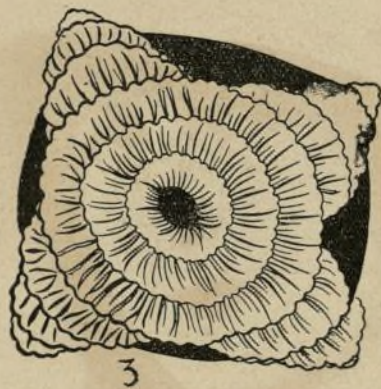
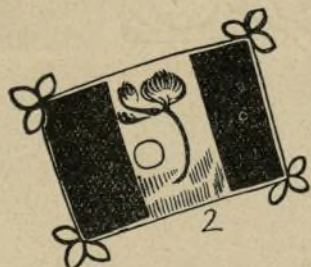
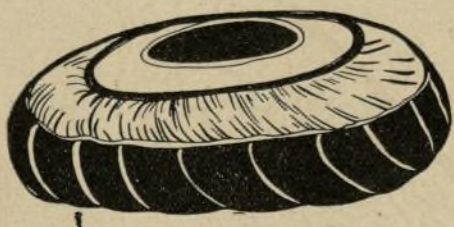
É esta uma lembrança que apresentamos às amadoras inteligentes.

: DO LAR :

ALMOFADAS

elementos que tanta alegria e realce dão à brancura dos cortinados e «napperons».

Estes três compartimentos, tão íntimos da mulher, devem ter a decoração certa com a sua



binem bem entre si. A tira que contorna a almofada e o centro podem ser feitos em setim ou veludo negro e a parte mais clara em dois tons da mesma cor, como dois tons de azul, vermelho ou «vieux rose», separados entre si por uma estreita barra também negra. É esta almofada de grande efeito e de muito pouca despesa.

A n.º 2 ficará encantadora se, aproveitando algum bocado de «lamé» prateado, o juntarmos a veludo ou seda verde jade.

No centro, sobre o «lamé», borda-se uma flor também em verde e executa-se uma almofada da bem simples mas de grande elegância e bom gosto.

A n.º 3 é muito curiosa e original: sobre um fundo de seda azul vivo dispõem-se folhos em seda crêpe, com a configuração que a gravura mostra.

O n.º 4 é uma almofada indiscutivelmente modernista. Uma série de tecidos lavrados e lisos em cores fortes e sombrias mistura-se num encantador conjunto.



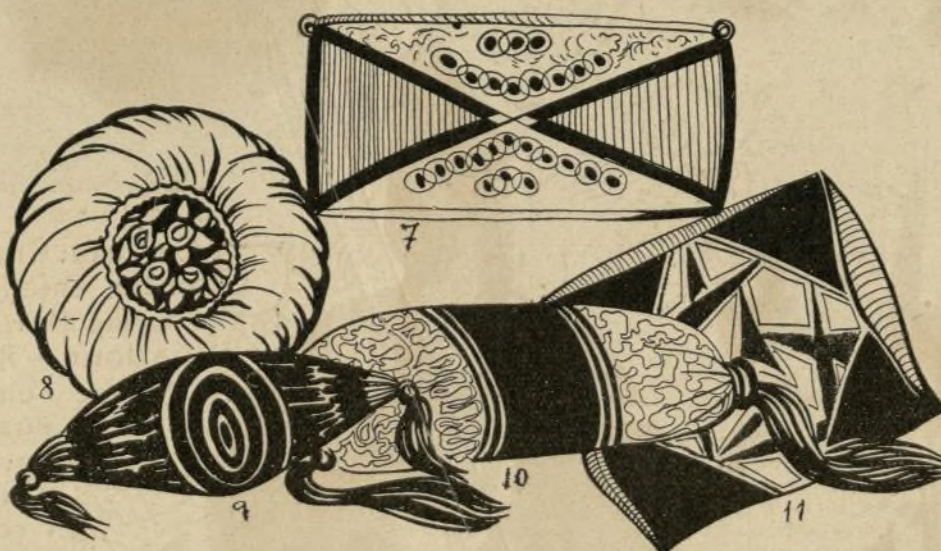
maneira de ser tão frágil e delicada. De pequenos nadas graciosos e delicados se compõe o ambiente tão íntimo quanto sedutor do quarto de «toilette» onde a mulher se embeleza e do «boudoir» onde as horas de ócio são preenchidas com as leituras dos autores mais preferidos.

Além dos móveis, cortinados e «napperons», uma das coisas que bastante contribui para fazer sobressair a alegria ou solenidade dum «appartement», são as almofadas.

Garridas, numa mistura de tons vivos que se adaptam num grito de júbilo festivo, bordadas a sedas sobre veludos, setins e brocados, todas elas têm o seu lugar já destinado. Na sala íntima, pequena sala de estar; na casa de jantar, se lá houver algum sofá; no quarto de «toilette» as que se dispõem no chão; todas essas divisões precisam da alegria multicolor das almofadas de linho bordadas a lãs, das almofadas feitas em cretones modernos, aonde os triângulos e cubos se entrelaçam e misturam numa amalgama de tons e traços, para o seu especial ambiente acolhedor.

Os feitos e modelos variados de almofadas que hoje se estão usando, vieram facilitar imenso a sua confecção, pois hoje encontram-se em todas as casas pilhas de almofadas coloridas e bizarras.

Qualquer tecido, sobras de um vestido, etc.



No n.º 5 temos também os tecidos alternados, mas nesta apenas se empregam duas qualidades de tecido: um escuro, outro lavrado.

A n.º 6 é toda feita em tecido lavrado com flores largas e tem, passando obliquamente no centro da almofada, uma tira em tecido escuro, o qual forma ainda uma barra num dos lados da almofada. Formando uma espécie de orelha, coloca-se sobre as barras escuras umas peque-

vado. Contornando o centro uma tira estreita numa cor forte; e num tom mais claro, o resto da almofada todo franziado, formando assim mais um lindo modelo numa harmonia muito graciosa.

A n.º 9 tem um feitiço muito curioso e é extraordinariamente sóbria. Em setim ou veludo «vieux rose» tem no centro uma série de ovais feitas em azul muito forte, ou com cordão grosso ou então vizes de seda.

Na n.º 10 temos novamente a combinação, tão interessante, de tecido lavrado e tecido liso tendo como no n.º 6 as mesmas barras num tom vivo, formando uma espécie de orelha de cada lado do tecido liso.

N.º 11. Para a confecção desta almofada são necessários três gêneros de tecidos; um lavrado e dois lisos, em duas cores bem combinadas ou dois tons da mesma cor. Ao centro tem um losango em tecido lavrado, quatro triângulos no tom mais escuro, formam um quadrado, que o terceiro tom contorna.

Também é este um modelo original e muito gracioso.

Qualquer destes modelos, conforme o tecido em que for feito, se pode utilizar para o salão ou casa de jantar.

Naquelas em que o «lamé», sedas e veludos se misturarem, alacres e luxuosos, podem as almofadas ser dispostas no salão, quebrando-se assim a monotonia das ricas almofadas todas em seda na mesma cor, bordadas em tons discretos e mimosos.

As que forem confeccionadas também em seda ou veludo, mas em cores sóbrias, têm o seu lugar indicado para o escritório.

As confeccionadas em sedas de cores mimosas e subltis são adequadas para guarnecer o «boudoir» delicado e o quarto de cama, ao passo que os cretones e tecidos de algodão formarão as almofadas da casa de mesa e sala de estar.

Convém notar às nossas leitoras que nunca se deve misturar seda ou veludo com cretones ou qualquer outro tecido de algodão.

Uma homogeneidade de tecido aumentará o encanto destas lindas almofadas, tão graciosas e fáceis. Elas aumentarão a beleza íntima do lar, quebrando com a sua amalgama de tons e cores a possível discreção em qualquer «appartement» quando lhe faltar a nota vibrante das almofadas maravilhosas de cor e beleza.

GUIDA.

HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

Uma edição monumental e uma obra maravilhosa

Não deve a leitora deixar de adquirir esta obra verdadeiramente monumental que a casa editora Aillaud e Bertrand em breve lançará no mercado por assinatura. Trata-se dum empreendimento verdadeiramente benemérito, duma edição luxuosíssima e cuja documentação quer literária quer gráfica será tudo quanto de mais belo entre nós se tem feito. Todos os grandes nomes da nossa literatura foram chamados a contribuir para esta publicação, honra dos nossos prelos e das nossas letras: nela colaborarão nomes ilustres de escritores, críticos e artistas, como Afonso Lopes Vieira, António Baião, Malheiro Dias, Coelho de Carvalho, Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, Leite de Vasconcelos, Dr. José Maria Rodrigues, Manuel de Oliveira Ramos, Silva Gaio, Reinaldo dos Santos e muitos, muitos outros. Será uma obra imprescindível nas estantes de toda a gente pela visão geral e ampla que dará da nossa literatura, desde os seus recuados tempos até aos nossos dias, e conterá biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos em soberbas gravuras, algumas das quais em *Hors-texte* a cores. Como aparato crítico e esplendor gráfico, até hoje nada se fez entre nós que se lhe possa comparar e a garantia do seu êxito está nos nomes de professores e literatos que a subscrevem, e no exiguo preço que para tão importante e luxuosa obra foi marcado: 10\$00 por tomo mensal!

Assinem todos a

HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA
LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS-LISBOA

— Suas filhas não gostam de ler?

— Quere que tomem gosto pela boa leitura?

— Dé-lhes o

MAGAZINE
BERTRAND

Nenhum toucador de mulher moderna poderá dispensar os *Productos de Beleza* que Voga vai apresentar em breve
Ayuntamiento de Madrid

Vestido de baile em tule de seda preto e prateado. Creação Oliva. Foto Henri Manuel.



brevemente:
Perfumes
"VOGA"



Não esqueça:
o Concurso
Infantil



Vestido de noite composto de saia em crepe georgette e blusa completamente bordada a contas de varias cores. Creação Georgette. Foto G. L. Manuel Frères.

Dois aspectos do chapéu em palha preta enfeitado com flores em varios tons de azul e rosa. Creação Cora Marson. Foto G. L. Manuel Frères.

MISS FRANÇA LEVA A AMERICA

AS
ULTIMAS
CRIAÇÕES
DE
PARIS

(fotografias
exclusivas
da "Voga")



Chapéu em palha creme enfeitado com folhos recortados e flores rosa. Creação Cora Marson. Foto G. L. Manuel Frères.



Em cima: Chapéu em selim preto enfeitado com uma enorme flor de veludo pompadour. - A direita: Chapéu em feltro "bois de rose" com folhas bordadas num tom mais escuro. Creação Cora Marson. Foto G. L. Manuel Frères.



Vestido em crepe georgette azul marinho sobre fundo branco. (Brialix). Foto Henri Manuel.



Chapéu em palha bege guarnecido com uma fantasia de plumas. Creação Cora Marson. Foto G. L. Manuel Frères.

Chapéu inteiramente feito em palha azul pastel. Creação Cora Marson. Foto G. L. Manuel Frères.



Vestido em crepe da China lavrado em varios tons de azul e enfeitado com barras em azul marinho. Creação Lyber. Foto G. L. Manuel Frères.



Vestido em selim crepe preto bordado com varias cores. Creação Myrbor. Foto G. L. Manuel Frères.



Vestido em crepe da China lavrado enfeitado com folhos plissados. Foto G. L. Manuel Frères.



Vestido em crepe da China lavrado e casaco em tecido liso, enfeitado com o mesmo crepe. Foto G. L. Manuel Frères.



Graciosos modelos de casacos para crianças.



Conjunto em crepe da China preto e bege, bordado no mesmo tom. Foto G. L. Manuel Frères.



Vestido em malha de seda bege com barras em azul marinho. Foto G. L. Manuel Frères.

HISTÓRIAS PARA GENTE MIÚDA

SUA ALTEZA O PRÍNCIPE RÃ



Em tempos que já lá vão, havia uma vez um Rei, cuja filha mais nova era tão linda, tão linda, que até o próprio Sol se alegrava quando ela vinha cá fora tomar o ar fresco da manhãzinha.

Próximo do castelo do Rei havia uma grande e sombria floresta e, no meio dela, um grande loureiro, cujos ramos cobriam uma pequenina fonte. De modo que, quando estava calor, a filha mais nova do Rei ia à floresta e sentava-se ao lado da fontesinha; quando estava aborrecida, a linda Princesa pegava numa bola de oiro e divertia-se muito atirando com ela ao ar e apanhando-a de novo nas suas pequeninas mãos de neve.

Ora, sucedeu um dia que, essa bola de oiro, quando a filha do Rei a atirava ao ar, caiu dentro da fonte. Mas esta era tão profunda que a linda Princesinha, por mais que fizesse, não



era capaz de lhe ver o fundo. De modo que a bola desapareceu por completo e a pobre menina começou então a chorar, a chorar muito, coitadinha, e a lamentar a sua triste sorte. O caso é que, tanto chorou e se lamentou, que, a certa altura, ouviu-se uma voz que dizia:

— Porque estás tu chorando, ó linda Princesinha? As tuas lágrimas fariam pena até às próprias pedras, minha linda menina!...

A princesinha, espantada, olhou em redor e não viu ninguém. Olhou então para a fonte, de onde lhe parecia vir a tal voz e deu de cara com uma rã, que estendia para fora das águas a grande e feia cabeça.

— Ah! és tu, ó velha nadadora? És tu que me falas? Choro porque perdi uma bola de oiro: caiu-me aí no fundo quando eu estava a brincar com ela!

— Pois então sossega, não chores! — replicou a rã. — O que é que tu me dás se eu te fôr lá abaixo buscar a bola de oiro?

— Que é que tu queres que eu te dê, minha querida Rã? Os meus lindos vestidos, as minhas pérolas e jóias? A coroa de oiro que eu uso?

— E vai, então, respondeu a Rã:

— Vestidos ou jóias ou corões de oiro não são para mim. Mas se tu prometes ser muito minha amiga, gostar de mim, deixar que eu seja teu companheiro, permitir que eu beba do teu copo, e coma do teu prato e durma na tua caminha — se tu me prometes tudo isto, então eu mergulho

VIAJAR COM CONFORTO

UMA das maiores vantagens das modas femininas actuais consiste em ser possível emalhar um número considerável de vestidos sem que o seu peso constitua objecto de cuidados e grandes despesas quando em viagem.

No século passado, quando uma elegante digna desse nome deliberava deslocar-se de um para outro ponto do globo, a sua bagagem quasi que carregava um... combóio de mercadorias.

Entre todos os volumes, a mala das jóias não deixava também de ser um dos maiores cuidados da viajante, e não poucas vezes o seu desaparecimento era causa dos maiores desgostos e desapontamentos.

Actualmente toda a atenção da viajante moderna consiste em fazer a sua jornada com o menor número de volumes possível, isto é, nas melhores condições de conforto e comodidade.

Os fabricantes de malas, tendo em vista esta ideia, oferecem-nos assim hoje esplêndida arrumação com dimensões previamente estudadas em que um verdadeiro gabinete de «toilette», com frascos de essências, o «arsenal» de manicure, pentes, etc., etc., podem fazer parte da própria mala sem maior aumento de espaço.

Com efeito, a mulher dos nossos dias está habilitada a viajar com muito menos bagagem e mais simplesmente que um homem.

no tanque e vou-te buscar a tua linda bola de oiro.

— Sim, sim! — respondeu logo a linda Princesinha — eu prometo tudo isso se tu me fôres buscar a minha bola de oiro!

Mas, ao mesmo tempo que assim dizia, a formosa menina ia pensando lá para consigo:

— Que diabo querará dizer esta feia Rã com tudo isto que pede? Nada: o melhor é deixá-la lá ficar no fundo da fonte com as suas iguais... Não é digno de entrar na sociedade elegante este tão feio bicho!...

O caso, porém, é que, a Rã, mal ouviu dizer que sim, meteu a cabeça debaixo de água e mergulhou. Daí a pouco vinha ao de cima da água: trazia na boca a linda bola de oiro e atirava-a para o regaço da Princesinha. Esta, apan-

hando a bola, ficou doida de contentamento e desatou logo a correr para casa.

— Pára! pára! — gritava-lhe a Rã. — Levame contigo! Não posso correr tanto como tu!...

Mas, a formosa menina não fez caso e foi para o palácio de seu pai.

No dia seguinte, à noite, quando a filha do Rei estava sentada à mesa com seu pai e todos os cortesãos e se preparava para comer do seu pratinho de oiro, ouviu-se caminhar qualquer coisa pela escada de mármore, chape-chape, chape-chape... Daí a pouco batiam à porta e ouvia-se dizer uma voz:

— Abre-me a porta, ó linda Princesinha!

A filha mais nova do Rei levantou-se e foi à porta ver quem é que chamava por ela. Mal, porém, havia aberto a porta, deu de cara com a Rã. É claro que a fechou imediatamente e, atarrantada, foi-se sentar à mesa, muito pálida, mesmo muito pálida.

O Rei, olhando para a sua filha mais nova e ao ver como ela estava assustada, perguntou-lhe se era algum gigante que a tinha querido levar e estava ali à porta para isso.

— Não, não, meu querido paisinho! Não é um gigante: é uma rã feíssima!...

— E o que é que te quer a Rã? — perguntou o Rei.

— Oh meu querido papásinho! eu ontem estava a brincar na fonte da floresta com a minha bola de oiro... Nisto, a bola caiu-me dentro de água e foi esta rã que me a trouxe, porque eu estava a chorar muito. Mas, antes de ir buscar a bola, tanto me pediu que eu prometi-lhe que ela seria meu companheiro em tudo e para sempre!... Eu nunca julguei que ela fôsse capaz de cá vir a casa, paisinho!...

Então o Rei, muito zangado, disse para a sua lindíssima filha mais nova:

— Aquilo que a menina prometeu tem de o cumprir. Deixa entrar a Rã!...

A Princesinha levantou-se e abriu a porta. A Rã entrou logo na sala, chegou-se para a cadeira da Princesa, e disse-lhe:

— Levanta-me do chão, e põe-me numa cadeira!

A princesinha hesitou, mas o pai ordenou-lhe que fizesse o que lhe dizia a Rã. Esta, mal se pôs na cadeira, saltou para cima da mesa de jantar e disse:

— Agora, minha linda menina, chega para cá o teu prato para que ambos comamos dele! Vamos comer ambos do mesmo prato, anda!

A Princesinha assim fez, Deus sabe com que repugnância. E a Rã, essa gostou imenso dos petiscos, meus meninos, lá isso gostou!... Mas a Princesinha, coitada! essa custava-lhe imenso aquilo tudo!

Por fim, quando já estava satisfeita, a Rã disse:

— Fome já não tenho, minha linda menina. Mas como eu estou cansado, aí como eu estou cansadinho! Queres ser tão boa menina que pegues em mim ao colo, me leves para a tua caminha e te deites comigo?

Ao ouvir isto, a Princesinha, cheia de medo,

começou a gritar, a gritar muito, porque tinha

nôjo de sentir perto de si a frialdade duma Rã... E não tinha, além disso, coragem para lhe pegar com dois dedos, quanto mais pegar nela ao colo!

Mas o Pai, ao ouvir a filha chorar e gritar, ainda mais zangado ficou. E disse:

— Aquela que te valeu quando tu estavas aflita não deve ser agora desprezada! Pega na rã ao colo, vá!

Então a Princesinha, que era muito obediente a seus pais, pegou na rã com dois dedos e foi pô-la a um canto do seu quarto. Mas, quando a Princesinha se metia na cama, a Rã saiu lá do seu canto aos pulos, e disse:

— Ai eu estou tão cansada, estou tão cansadinho! Se me deito, não tardo a dormir! Levanta-me do chão e mete-me na tua caminha, senão vou dizer a teu pai, ouviste?

Estas palavras da Rã fiseram zangar tanto a formosa princesinha, que, agarrando na Rã por uma perna, atirou com ela com toda a força contra a parede, gritando:

— Ora agora vê lá se estás calada e se tens juízo, hein, minha feiarrona!

Palavras não eram ditas e mal havia batido contra a parede, a Rã mudou-se logo num formoso Príncipe, de olhos lindíssimos, e o qual, pondo-se de joelhos diante da Princesinha, lhe pediu que o aceitasse para companheiro de toda a sua vida... E contou-lhe que fôra uma bruxa horrível que o havia mudado em Rã e que só mente a linda Princesinha tinha poder para o tirar das águas da fonte.

— Vamos falar com teu pai, que tão bom foi para mim! Casaremos os dois, minha linda Princesinha e eu levar-te-hei para o meu reino.

E assim foi. A Princesinha e o Príncipe foram logo falar com o rei e contaram-lhe o que havia. O Rei ficou muito contente, concedeu ao Príncipe a mão da sua formosíssima menina mais nova, e, no dia seguinte, foi o casamento. Houve grandes festas, muita alegria e a Princesa e o Príncipe foram, dali em diante, muito, muito felizes.

F. M.

F. M.



começou a gritar, a gritar muito, porque tinha nôjo de sentir perto de si a frialdade duma Rã... E não tinha, além disso, coragem para lhe pegar com dois dedos, quanto mais pegar nela ao colo!

Mas o Pai, ao ouvir a filha chorar e gritar, ainda mais zangado ficou. E disse:

— Aquela que te valeu quando tu estavas aflita não deve ser agora desprezada! Pega na rã ao colo, vá!

Então a Princesinha, que era muito obediente a seus pais, pegou na rã com dois dedos e foi pô-la a um canto do seu quarto. Mas, quando a Princesinha se metia na cama, a Rã saiu lá do seu canto aos pulos, e disse:

— Ai eu estou tão cansada, estou tão cansadinho! Se me deito, não tardo a dormir! Levanta-me do chão e mete-me na tua caminha, senão vou dizer a teu pai, ouviste?

Estas palavras da Rã fiseram zangar tanto a formosa princesinha, que, agarrando na Rã por uma perna, atirou com ela com toda a força contra a parede, gritando:

— Ora agora vê lá se estás calada e se tens juízo, hein, minha feiarrona!

Palavras não eram ditas e mal havia batido contra a parede, a Rã mudou-se logo num formoso Príncipe, de olhos lindíssimos, e o qual, pondo-se de joelhos diante da Princesinha, lhe pediu que o aceitasse para companheiro de toda a sua vida... E contou-lhe que fôra uma bruxa horrível que o havia mudado em Rã e que só mente a linda Princesinha tinha poder para o tirar das águas da fonte.

— Vamos falar com teu pai, que tão bom foi para mim! Casaremos os dois, minha linda Princesinha e eu levar-te-hei para o meu reino.

E assim foi. A Princesinha e o Príncipe foram logo falar com o rei e contaram-lhe o que havia. O Rei ficou muito contente, concedeu ao Príncipe a mão da sua formosíssima menina mais nova, e, no dia seguinte, foi o casamento. Houve grandes festas, muita alegria e a Princesa e o Príncipe foram, dali em diante, muito, muito felizes.

F. M.

F. M.

A PROPÓSITO DE LIVROS

LOURDES, POR EDUARDO DOS SANTOS
SACRÁRIO DE ILUSÕES, VERSOS POR CHAVES COSTA

A discutidíssima peça do sr. dr. Alfredo Cortês, — «*Lourdes*» — há um ano levada à scena com êxito pela companhia dramática de que fazia parte a ilustre

artista Ilda Stichini, deu azo a que o sr. Eduardo dos Santos, publicista portuense, publicasse uma brochurinha de crítica muito apreciável: pela coragem que revela e ainda pelos conhecimentos que, da moderna orientação dos espíritos e da scena, patenteia. Creio bem que muito mudaram os tempos porque do contrário, com esta sua produção literária, aqui há uns anos o sr. Eduardo dos Santos o menos que lograria era ser morto à pedrada, por tal forma as idéas que expõe acerca do livre-pensamento, o milagre, as crenças religiosas, a deliquescência pôdre do teatro etc, estão em oposição com o que então se pensava e constituia convicção

necessária para se ser grande homem e crítico de argutas e civilizadoras vistas... Mudaram os tempos e ainda bem, muito embora, a nosso ver, a época actual seja ainda a maromba mais

ocilante de que há memória!... Em todo o caso, já não é pequeno sintoma de mudança nos espíritos aquilo a que todos nós temos assistido, e ainda esta brochura de crítica laudatória à peça referida; nela mostra o sr. Eduardo dos Santos possuir um espírito esclarecido, desempeirado, livre das mil e uma teias de aranha pseudo-filosóficas com que era

chique ornamentar os cérebros pretensamente civilizados e progressivos; os seus conhecimentos de teatro, a apreciação severa mas justa a que submete os prejuízos scenicos e literários, a análise que faz ao pensamento contemporaneo e os seus juízos acerca das tentativas de teatro cristão, — tudo isso fica por demais patente, exposto com convicção e sinceridade, num claro e corajoso intento doutrinal que só nos cumpre aplaudir e encarecer.

Uma das consequências do Romantismo e das várias escolas d'êles saídas, foi arvorar-se a tristeza como única fonte de coisas belas... A melancolia negra, o desalento, a descrença, a blasfêmia, o tédio de viver tudo isso forneceram basto material para uma produção tremenda, quasi sempre insonsa e aborrecida por nela raras vezes se encontrar a qualidade primacial

das obras de Beleza: a sinceridade. Rapazes e raparigas com um capital riquíssimo ao seu dispor — a florida idade dos vinte anos, senhores! — desabaram logo a pôr em prosa e verso os seus fabulosos desesperos e desenganos, encostando-se a dois ou três modelos de nomeada: o resultado tem-se visto, e os mercieiros falam por nós... E já não há maneira de a gente acreditar nesses poetas e prosadores: um sorriso assoma aos lábios de quem lê obras dos quinze e vinte anos e obras essas nas quais são tema obrigado o mal da vida, as melancolias funebres e os apelos à Morte... Chamar pela Morte aos vinte anos, quando o Amor e o Sonho persistem em abotoar de rosas tudo quanto vêm, quer-nos parecer uma detestável moda, um imperdoavel exercício de hipocrisia rimada... Não lhes parece?

Ora o sr. Chaves Costa, poeta açoriano — e que nos causa inveja pela idade verdíssima que deve ter! — o sr. Chaves Costa, já em 1921 intitulava *Horas Amargas* o seu primeiro livro! Ao tempo era o nosso poeta estudante do liceu, isto é: deveria ter um máximo de dezasseis annos... Com essa idade pregavamos nós partidas ao Padre Simões e ao general Pedro Eusébio Leite, ao mesmo tempo que o belo sexo e a pandega eram o enlevo de todos nós! Já se vê pois que o sr. Chaves Costa não tinha tal horas amargas: o que estava era sacrificado à moda. Agora com este seu novo livro de poemas — *Sacrário de ilusões*, se chama — é já o terceiro — o novel escritor mostrando reais qualidades de talento poético, ainda não perdeu de todo o costume do bordão alheio, embora o livro seja um pouco mais independente do que os antecessores. A sua melancolia é muito dolorida e atenuada: o autor escutou-se mais a si do que aos outros. Bom seria que persistisse em tão excelentes intenções e cuidasse da forma, teimosamente furtando à publicidade quantos poemas se mostrassem rebeldes à lima e ao apuro. Se os nossos versos, sobre versarem temas gastíssimos, nem ao menos tiverem cuidados e extremos de factura, para que os publicar?

O que nós desejaríamos era que o sr. Egídio Chaves Costa fosse um pouco mais implacável consigo próprio... Com as qualidades do poeta que revela e o estudo que lhe falta, virá a ser alguém um dia. O ponto é querer...

F. M.

F. M.

TECIDOS CHICS

para vestidos e casacos de de senhora

Enorme colecção de padrões da ultima moda, recebidos directamente de Londres, Paris, Lyon e da Suíça

Grande variedade em fantasias em lã e em seda, com que abriu a estação de verão

a GALERIA DA MODA

(Antiga casa PERAL, L.DA)

Rua da Prata, 82 a 86

TEL. C. 77



O CLERO PROTESTANTE E AS MODAS

AS SAIAS CURTAS,

AS CALÇAS MASCULINAS

E AS PERNAS DA RAPARIGA MODERNA

UM CURIOSO ARTIGO DE S. REV.^{ma} J. L. THOMSON,
BISPO DE ELY (INGLATERRA).



dum velho escritor! — direi que as modas modernas roubaram à mulher, e em especial à senhora de idade, aquelas qualidades de graça, dignidade e encanto que andavam inerentes à maneira de vestir das gerações passadas. Os vestidos compridos não só aumentavam a perfeição física da mulher, como também modificavam e apagavam as imperfeições que os vestidos de hoje proclamam e desvendam desgraçadamente. Não há por certo mulher que seja cândida e ingênua até ao ponto de ignorar as pernas horríveis com que a Natureza a dotou!

Pelo que respeita ao lado prático é indubitável ter-se ganho. As vantagens são tão patentes que o ocioso seria enumerá-las: bastará que citemos algumas como sejam a maior actividade que permitem, maior facilidade de limpeza, economia de materiais, fácil acomodação, ausência de poeira e de lama. E a sua leveza só veio provar que as mulheres estão imunizadas contra o desconforto que para nós acarreta o expormo-nos ao frio e à humidade!

O ASPECTO SOCIAL

Se o lado prático da moda moderna entusiasma aqueles que trabalham, é coisa que eu não sei. É possível, porém, que assim seja.

O aspecto social é que importa muito maiores ponderação e gravidade.

A extinção aparente da espécie humana co-

nhecida pelo nome de *velhotas*, facto esse devido à adopção das modas modernas, forneceu ao *Punch* uma fonte inextinguível de sarcásticos comentários. Do mesmo modo que a vigorosa campanha contra o saxofone, a guerra contra as modas modernas apresenta-se-nos sob as mais diversas formas. E houve até já quem se lembrasse de sugerir que o asserto antigo «a mulher tem a idade que aparenta», deveria ser substituído por este: Dize-me o que vestes e dir-te-hei a idade que tens!»

Pelo que toca à gente moça, a questão do vestido é apenas um dos aspectos dum gravíssimo problema. Um dos fundamentos da sociedade, — isto se ela quizer pertencer a uma nação civilizada — é a correcta atitude de homens e mulheres. Durante os últimos anos as mulheres conseguiram não só abrir caminho para vários aspectos da vida pública, como também lograr que a posição conquistada lhes fosse reconhecida de direito. E o caso realmente é que provaram possuir tanta capacidade como os homens para diversos cargos e, agora, há até luta e competição entre ambos os sexos em muitos campos da actividade humana.

Mas, igualdade de oportunidade não significa o mesmo que igualdade de tratamento, e há sempre o perigo de que, se as mulheres reclamarem o direito de ser iguais ao homem a todos os respeito, a resposta seja apenas esta:



«Nesse caso, que as mulheres esperem ser tratadas como os homens tratam os homens!»

A GRAÇA E A MODESTIA

A circunstância de o moderno vestido feminino tender a aproximar-se de indumentária masculina, e portanto querer legitimar a absurda teoria de que não há diferença entre homens e mulheres, tornou-se num factor de desintegração da ordem social cristã.

Que todas as mulheres se lembrem de que, a modestia, a gentileza, a dignidade e a graça — verdadeiras características do seu sexo e real segredo da sua atracção e influência, — não são incompatíveis com a coragem, a actividade e habilidade que presentemente as põem em condições de ser prestáveis ao seu país e à glória de Deus.

O padre que declarasse não querer usar calças para assim se distinguir dos seus irmãos em Cristo, usaria duma linguagem susceptível de má interpretação. A rapariga moderna deverá tomar como lema da sua vida a seguinte resolução:

«Embora a Moda o decrete e ordene, eu é que jamais usarei calças masculinas porque isso levaria o homem a esquecer a honra, o respeito e a consideração que sempre e por toda a parte me são devidas e a todas as mulheres!»

(Anglo-American N. S. Copyright — Exclusivo da VOGA)



A CONFISSÃO

ELE: — Estás triste. Parece que não gostaste do espectáculo... Impressionou-te a peça?

ELA (num movimento de indiferença): — Gostei, gostei do espectáculo. Eu amo as peças violentas, que me emocionem e despertem no meu íntimo inéditas expressões de tristeza.

ELE: — Eu procuro levar-te a divertimentos, não para que te entristeças e comovas, mas para que te distraias. Se soubesse que a peça era tão violenta não te teria levado a vê-la.

Há perto de dois anos que estamos casados e ainda não houve um dia que te visse despreocupada e alegre. Chego a pensar que não sei fazer-te feliz...

ELA: — Esta minha tristeza não é de tua culpa, Armando: é própria do meu temperamento. Perdi o hábito da alegria há muitos anos. A culpa não é tua. Sinto-me na tua companhia o mais feliz que poderia ser.

ELE: — Mas não tanto quanto devias ser!... Há, Maria Luísa, um mistério na tua alma, que não consigo desvendar. (Lunga pausa). Acaso o teu coração não me pertencerá inteiramente?

ELA (precipitadamente, enlaçando-lhe os joelhos): — Duvidas do meu amor, Armando?

ELE (desviando do seu olhar): — Não duvido... Mas a tua atitude traz-me apreensivo. Uma voz secreta diz-me ao coração que na tua existência há alguma coisa que me oculta...

ELA: — Tens razão. Há qualquer coisa de muito íntimo, que vive na minha alma, que nunca tive coragem de te confessar. Falta-me a coragem...

ELE: — Amas outro?

ELA: — Não! Só te amo a ti. És o meu primeiro e único amor. Adoro-te, Armando, como se adora um santo.

ELE: — Então?...!

ELA: — O meu segredo é de natureza bem

diversa do que tu julgas. Escuta. Eu vou contar-te tudo para que sobre a sinceridade do meu amor não recaia a tua suspeita.

Eu tinha seis ou sete anos quando minha mãe faleceu. Tu bem o sabes: fiquei órfã de tenra idade. Mas há na morte de minha mãe um mistério, um segredo que só três pessoas conhecem: eu, meu pai e o dr. Falcão. O dr. Falcão era um amigo íntimo da casa. Tinha sido discípulo de meu pai. Vivíamos ao tempo na Idanha. O dr. Falcão exercia clínica naqueles sítios, meu pai dedicava-se à lavoura. A amizade entre ambos era tão grande que, quando meu pai vinha a Lisboa, o dr. Falcão substituiu-o nos seus negócios da Idanha.

Minha mãe, lembro-me vagamente, nutria pelo dr. Falcão uma estima enorme. Eram como dois irmãos. Recordo-me ainda do médico. A sua imagem, que o meu pensamento retém, emerge com as suas barbas ruivas e os olhos reluzentes daquela névula vaporosa com que o tempo envolve as velhas recordações.

Uma noite, muito noite, acordei sobressaltada. Eu era pequenita e tinha medo dos ladrões. Oculte a cabeça nas roupas e pus-me à escuta. Meu pai discutia violentamente com minha mãe. Eu, muito calada, na minha cama minúscula, fingia que dormia. Ouvi um tropel de passos precipitados e vi minha mãe entrar desvairada no quarto, perseguida por meu pai. Continuei medrosa e calada, espionando a cena. Meu pai agarrou-a pelos cabelos e arremessou-a por terra. Ela chorava, coitada, e pedia-lhe perdão. Nunca mais posso esquecer a expressão alucinada de meu pai: os olhos esgazeados e a boca torcida. Um horror!...

ELE: — E depois?...

ELA (ocultando o rosto nas mãos): — Depois lançou-se sobre ela e apertou-lhe o pescoço. Apertou com força. Minha mãe soltou um vago gemido, contorceu-se e ficou inanimada.

No dia seguinte, minha mãe estava muito



TODA A MULHER

deve cuidar da estética do seu BUSTO que nem sempre pode ser corrigida pela «toilette» que veste. É indispensável que as suas formas sejam proporcionais à sua estatura. O FILOCOL N.º 1 serve para desenvolver o PEITO, o N.º 2 para o endurecer e o FILOCOL N.º 3 serve para o diminuir. Preço do N.º 1 ou do N.º 2 — Esc. 25\$00, pelo correio — 26\$00. Preço do N.º 3 — Esc. 40\$00, pelo correio — 42\$00.

AS PESSOAS NUTRIDAS devem tomar as HOSTIAS d'ORCEL para emagrecer lenta e progressivamente sem prejudicar a saúde. Aconselhadas pelos médicos. Caixa 25\$00 esc. — pelo correio 26\$00 escudos.

LABORATÓRIO ORCEL
Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — LISBOA

Grafologia

Para obter os característicos grafológicos de qualquer pessoa, basta enviar a

MADAME DE MEMPHIS
GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta Lisboa

um envelope contendo o documento ou documentos que se deseja submeter à análise com a quantia de — um escudo — em papel moeda ou estampilhas postais por cada consulta.

O verdadeiro nome ou morada da cliente, só são necessários se se deseja a devolução dos documentos enviados devendo neste caso ser também incluído um envelope devidamente estampilhado e endereçado.

Sempre que as conclusões ou o resultado da análise não correspondam à expectativa dos nossos clientes, ou resultem aparentemente falsos, rogamos encarecidamente que, com a maior sinceridade e sem o menor receio de susceptibilizar a nossa competência, nos apontem os desacordos mais evidentes segundo o critério das pessoas interessadas.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa de todos os seus característicos grafológicos, podem todas as ex.^{mas} consulentes da

AS SENHORAS DAS AVENIDAS NOVAS preferiam, para corte de cabelo, o gabinete do SALÃO ARTE NOVA, AVENIDA MIGUEL BOMBARDA, 72, onde serão atendidas por um artista especializado.

Voga reendereçar estas mesmas consultas para o Magazine Bertrand mediante as condições indicadas na secção grafológicas dessa revista mensal, (Esc. 2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na Voga.

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao Magazine Bertrand nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista. MADAME DE MEMPHIS.

N.º 472 — X. P. T. O. — Lisboa. — Actividade principalmente física, sabendo imprimir a sua vontade com vigor por vezes demasiado ruidoso.

Todos os traços indicam, aspiração, desejo de aperfeiçoamento «travado» por uma natureza afectiva e passional.

Entrevejo em certos aspectos ao seu grafismo, o perigo da violência ante a contradição inevitável de duas almas de temperamentos diferentes.

Um conselho? — Perdoe! — mas sempre será bom lembrar-lhe que os melhores motores são sempre os mais silenciosos e que as rodas que mais velozes giram, são sempre as que mais imóveis parecem estar, na invisibilidade absoluta de todos os seus ráios!

N.º 472-A: — V 1, Lisboa. — Decisão firme e inabalável.

Sensibilidade amortecida por um sentimento de dúvida que em vão procura dissimular.

Entusiasmo fervoroso num futuro melhor vibrando em impulsos de esperança e afectividade.

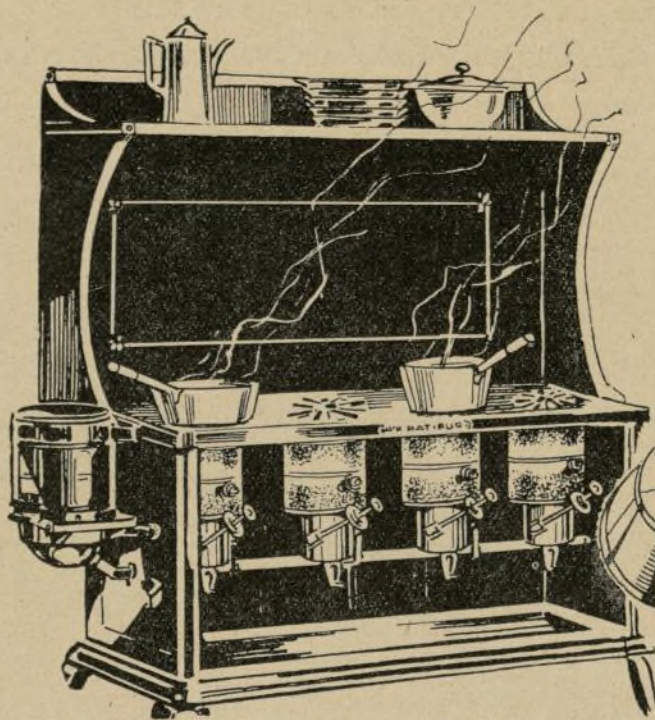
Discreção, actividade e energia física e moral.

N.º 473 — Nantor — Lisboa. — Equilíbrio de faculdades com manifestações evidentes de uma perfeita disciplina mental com um bom humor e verbosidade absolutas.

Todos os característicos grafológicos indicam, observação, desejo de aperfeiçoamento, numa exterioridade cuidada, procurando sempre valorizar-se em relação aos mais próximos num justo impulso de ascensão e evolução para melhor.

As suas qualidades morais são excelentes mas... seriam simplesmente perfeitas na mais pura acepção desta palavra, se Nantor pudesse dominar essa leve tendência para uma certa vaidade resultante da consciência dos seus méritos pessoais.

N.º 474 — Hallelujah — Lisboa. — É um gra-



Nem uma ponta de fuligem!



**FOGÃO
PURITAN**
cómodo
asseado
económico

À venda na

Vacuum Oil Company

Rocio, 67 Tel. N 3075 e nas suas Agencias

V Ex.^a pode adquirir hoje mesmo um Fogão Puritan. Damos-lhe um prazo de 6 meses para o pagar por completo. Venha vê-los ao nosso Salão do Rocio.



fismo denunciador de uma alma dotada de todas as valiosas qualidades morais que caracterizam a beleza emocional da mulher portuguesa.

Na exterioridade só aparentemente rígida de todo o seu ser, eu verifico a existência certa de uma grande bondade submetida a uma sensibilidade apurada que em vão procura desmoldar.

Em seguida, surgem todos os sinais do método, a prudência, o cuidado por si própria, no desejo louvável de manter-se sempre superior às influências de um meio e de uma época em antagonismo com as suas tendências.

É um grafismo firmando a realidade duma consciência que, sabendo sentir-se, procura sobretudo manter todo o equilíbrio feliz entre as manifestações da sua razão e as exigências das suas emoções.

N.º 475 — Estudante de Direito — Lisboa. — Imaginação fecunda, idealista impondo-se superior ao meio e à convivência em acessos de sentimentalismo romântico e passional.

Aparentemente sonhador, a sua existência decorre não obstante em contacto com a natureza real não se deixando embalar ao ponto de perder a noção das necessidades naturais à sua situação.

Uma grande actividade física irradia de todo o seu ser e todos os traços indicam um esforço permanente na aquisição dos elementos imprescindíveis para um futuro melhor.

O seu maior defeito poder-se há resumir numa determinada dificuldade em disciplinar o fluxo dos seus pensamentos obrigando-o a manifestar-se bem mais franco do que muitas vezes seria necessário.

Todas as suas restantes qualidades surgem, porém, em equilíbrio absoluto embora sempre precipitadas e até por vezes violentas.

N.º 476 — Uma aldeã — Linha do Norte. — É um grafismo interessante, denunciador de uma mentalidade perfeita, assimilando com a maior facilidade todos os assuntos em manifestações de actividade intelectual «treada» em leituras consecutivas e estudiosas dos mais variados problemas.

Com efeito, todos os sinais de hábitos de leitura existem assim aliados a um espírito de dedução, que eu diria, quasi profissional.

O sentimento da lógica está perfeitamente impresso e adicionado ao entusiasmo sentimental de uma personalidade bondosa, firme, amando a simplicidade e a razão.

N.º 477 — Camélia — Lisboa. — Afectividade natural um pouco indecisa e hesitante na maioria das suas manifestações.

Bondade e sentimentalismo, impressionabilidade e franqueza.

É bem o grafismo de quem procura regular os seus pensamentos de maneira a viver tão bem consigo própria como com todas as pessoas que a rodeiam.

AVISO IMPORTANTE

Tomamos a liberdade de lembrar a todas as nossas Ex.^{mas} Consulentes que as importâncias devidas por cada consulta deverão ser enviadas em papel-moeda e nunca em moedas metálicas, a fim de que a correspondência não fique retida no correio. Rogamos, por isso, a todas as nos-

sas Ex.^{mas} Consulentes que não tenham recebido o resultado das suas consultas ou não as tenham visto publicados na Voga, o favor de nos avisarem, a fim de podermos reclamar as cartas que possivelmente estarão retidas no Refúgio Postal.





Lave, ondule e
corte o seu
cabelo
na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA
LISBOA
AVENIDA, 35

VOGA,
SEMANARIO ILUSTRADO DA
MULHER é a melhor e mais barata
das publicações do género em lin-
gua portuguesa.

Experimente Vossa Excelencia



a deliciosa bolacha
"CREAM CRACKER"
(TIPO INGLÊS)
primorosa manipulação da
FABRICA CONFIANÇA
RIVALISA COM VANTAGEM
EM QUALIDADE E PREÇO
À venda nas boas casas
da especialidade

ACABA DE APARECER

D. SEBASTIÃO

DE ANTERO DE FIGUEIREDO

(DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS)

8.ª EDIÇÃO

Brochado . . 12\$00

Encadernado 16\$00

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS

AILLAUD E BERTRAND

Rua Anchieta, 25 — LISBOA

O HOMEM QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA

(Continuação)

Eu... eu não sei bem onde estou Ah! as palavras de Mehmed paxá... É preciso que eu repita as palavras de Mehmed paxá... Repito-as. Sempre encostada aos ciprestes, escuta-me pensativa:

— Ele disse isso? É estranho... Não compreendo. Contudo, devo confiar em Mehmed paxá. É leal — leal como a sua raça...

Volta a calar-se, muito tempo. Enfim:

— Meu amigo... tenho ainda tudo por lhe dizer...

Mas a voz estrangula-se-lhe. Um terror súbito lhe dilata os olhos. Volta-me, também, inquieto... Uma forma escura, silenciosa e ágil, sobe pela vereda, — caminha para nós. Instintivamente, procuro no peito o punhal de cabo de jade, que outro dia comprei no bazar... Mas não; é simplesmente uma mulher turca, envolvida dos pés à cabeça, no seu feridjé... Passa por diante de nós e afasta-se. Lady Falkland encosta um lenço à boca e respira.

— Mas de que é que teve medo? Era uma mulher...

— Sim, uma mulher... mas o senhor nunca pensou quanto é fácil a qualquer pessoa, rebugar-se num feridjé? Sinto-me cercada, vejo espíões em toda a parte.

Tem um estremeção, que lhe sacode os ombros.

— Enfim, desta vez era apenas uma mulher de cemitério!...

— De cemitério?...

— Não sabe? Aqui, a prostituição freqüenta os cemitérios. As mulheres da vida que são muito pobres aguardam debaixo dos ciprestes o desejo dos soldados.

Lê-me o espanto nos olhos:

— Como sei isto? Ah! julga que meu marido poupar o meu orgulho, deixando-me ignorar as suas devassidões? Sir Archibald Falkland não desdenha imitar os soldados turcos ou curdos; freqüenta os cemitérios; segue as mulheres veladas, e dificilmente resiste, muito dificilmente, à sua sedução...

Tem um esgar de asco. Agita os cílios, querendo afastar a visão imunda.

Ainda um longo silêncio. A noite é já completamente escura.

— Meu amigo... é a hora. Quero ser inteiramente leal. Não quero roubar-lhe a amizade,

não quero roubar-lhe a estima. Quero que saiba tudo de mim, o mal e o bem, as minhas misérias, as minhas fraquezas, as minhas vergonhas... Mas primeiro, tenha piedade! a vida para mim tem sido tão triste! Nunca foi senão tristeza. Imagine a criança que eu era, outrora, na velha casa crioula, onde nasci, da outra banda do mar... ali ninguém me ensinava a sofrer... Imagine a rapariga ardente, entusiasta, que desabrochava livremente, à luz do sol... recordo-me ainda de um grande cão de pelo arruçado que era doido por mim, que me punha as patas nos ombros para me lambem a cara... Um dia, — tinha eu dezasseis anos, — apareceu um homem, desposou-me, levou-me consigo. Eu nem sequer fazia idéa do que era um marido. Tem sido um dono e um carcereiro; o casamento uma prisão. Quebraram-se as asas, fizeram de mim este ser amarfanhado, manchado que sou hoje... manchado, sim, manchado! Ah!... E não obstante, havia dentro de mim nobreza, orgulho, flama... juro-o! — e amor, um amor que transbordava, que corria a jorros, que inundava tudo, como uma torrente de ouro fundido...

Bruscamente, esconde o rosto nas mãos e desata em convulsões de choro. Sacodem-lhe o peito arrancos dolorosos, e as lágrimas correm por entre aqueles dedos que se torcem...

Pego-lhe ao colo, seguro-a, embalo-a. A minha boca alucinada procura o seu rosto, os seus olhos, as suas fontes... Está quasi desmaiada. A crise de sofrimento succedeu violentamente a surpresa do meu abraço. Continua a chorar, e vencida, esmagada de dor, agacha-se, encolhe-se como uma criança que está doente.

De repente, desembarga-se de mim e solta um grito...

— Ah! que está a fazer!

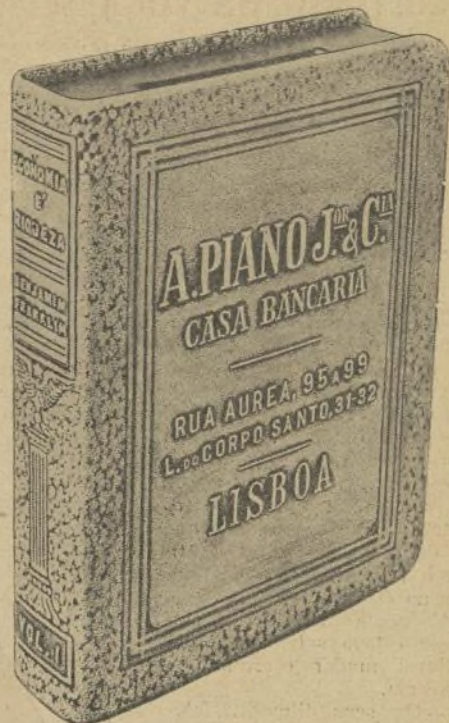
Eu beijara-a nos lábios.

— Que está a fazer? meu Deus, meu Deus!

Ajoelhei diante dela, na lama e na água, e beijo agora os seus pulsos nus, molhados pela chuva.

— Que estou a fazer? Amo-a! — Oh! perdão! não pense que escolhi este minuto, não pense que abuso do lugar, da noite, do seu delíquio. Não sabia, juro que não sabia! Parecia-me que era a piedade que me impelia para a senhora, e de repente, compreendo que é o amor? Ah!

SABER ECONOMISAR
É SABER ENRIQUECER



tipo de cofre que pomos gratuitamente á disposição do público para conseguir este fim

perdõe-me. Sou quasi um velho, nada tenho para emocionar o seu coração moço e ardente! Estou scéptico, gasto, gelado, velho, velho! Mas amo-a e pertenco-lhe! Sim! disponha de mim, ordene! A seus pés a minha fortuna, o meu nome, a minha força de homem e de soldado, tudo o que sou...

Ela escuta e não ouve. Sómente a carícia das palavras ternas lhe enche o ouvido. E isto é para ela tão novo, tão imprevisível! Fechou os olhos. Domina uma força desconhecida: Abandona-se. Oíço enfim a sua voz, lenta, mole, sem vontade:

— Diga... diga mais...

E depois de um longo suspiro oprimido:

— Diga mais... deixe-me recordações...

A chuva escorre-lhe pelo pescoço, atravessa-lhe as roupas, gela-lhe os ombros. Ela estremece de súbito e apruma-se, esgazeada, batendo com a nuca no tronco do cipreste:

— Deus, Deus! Sou eu, é o senhor? Deus! que vergonha!... E eu que tinha vindo para lhe dizer...

Não acaba. Está pregada contra a árvore, com os braços deitados para traz; indizível horror lhe empalidece a face e lhe inteiriza os membros.

— Maria...

Quero pegar-lhe na mão, mas ela sacode-me violentamente.

— Que tem? porque?...

Não responde. Sucumbida repete sempre:

— Que vergonha!... que vergonha!...

Está como um animal selvagem, cercado por todos os lados. Não se atreve a levantar os olhos. Lança olhares furtivos para a direita e para a esquerda, como quem se prepara para fugir. E, de repente, foge.

Corre. Sobre o caminho, patinando nas poças de lama, que esparrinham. Corre. E eu fico estupefacto, sem me atrever a segui-la.

E desapareceu entre os ciprestes...

XXXV

28 de Novembro.

— Arif, Osman, Javâch!
Remam com demasiada celeridade. Não quero perder nada deste Bósforo, sangrento ao sol poente.

...Ontem, ainda chovia. Vagueei longamente por Stambul, procurando algum sossêgo pelas ruas, mais desertas que nunca. Os minaretes, fustigados pelo aguaceiro, pareciam querer atravessar as nuvens para se refugiarem no céu azul.

Hoje, as nuvens fundiram-se. E só delas ficou esta bruma loura que flutua sempre sobre Constantinopla, como uma musselina de seda amarelada. E meti-me no caíque para gozar este último dia de verão, no limiar do inverno. Talvez que o Bósforo, tão doce, me faça participar da sua serenidade.

— Porque foi? porque foi? porque foi que ela fugiu ante ontem?

Os meus caikdjis levaram-me muito longe. Seguíamos a margem da Europa. Desfilaram, uma a uma, as aldeias formadas de velhas casas arroçadas: Ortakeny com a sua esbelta mesquita, branca de neve; Curutchesmé, que serve de ancoradouro aos barcos; Armutkeny, edificada sobre um morro; Bebek, ao fundo de uma baía; Ruméli-Hissar, onde o Conquistador plantou as suas primeiras torres, que continuam de pé depois de cinco séculos; — e Boyadjikeny, e Stenia, e Yemikeny, onde reconheci a hospitaleira casa das kolouri...

(Continua)



"COLUMBIA"

AS GRAFONOLAS

"VIVA TONAL"

REPRESENTAM

O MAXIMO DA PERFEIÇÃO

AGENTES EXCLUSIVOS:

P. SANTOS & C.ª

57, 59, 61, Rua Garrett - LISBOA - Rua Ivens, 52

MARION DAVIES

"LEITORA" DA VOGA SEM SABER PORTUGUÊS

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)

— É certo, não sei português, mas sim um pouco de espanhol, que me ajuda a decifrar. Depois, vejo os bonecos, estas lindas figuras de modas, que tem todo o cunho parisiense e são dum *chic* inconfundível.

— São, com efeito, fotografias de Paris...

— Mas... quer saber o que me surpreende? É que, a maior parte das vezes, encontro nesta linda revista portuguesa as mais formosas modas parisienses duas e três semanas antes de que as veja publicadas nas revistas de Paris, por exemplo em *Eve* e *Minerva*, que são duas das que recebo.

— E utiliza os figurinos da *Voga*?...

— Sim... embora não completamente. Eu não posso admitir a moda como sinónimo de *uniforme*, de *farda*... Entendo que a mulher, verdadeiramente elegante e inteligente, deve ter gosto artístico, inventiva... deve, em suma, inventar a sua *moda*, embora se cinja a uns princípios gerais, a uma linha geral que predomine na moda do momento...

— Então a *Voga* tem aproveitado...

— Sim... as linhas gerais da moda... e um ou outro detalhe. Lembro-me de que já duas ou três vezes a utilizei para *toilettes* destinadas ao *écran*...

A nossa vaidade portuguesa estava satisfeita e decidimos mudar o rumo da conversa.

— Os seus filmes... fale-nos dos seus filmes... De quais gosta mais?...

— Não sei!... Sou uma apaixonada de tudo quanto interpreto. Todos os papeis me agradam, em todos acho coisas belas, atraentes, filões de interpretação... Assim eu pudesse realizar o que penso...

— Mas... há de ter preferências...

— Sim!... Em «Zander the great» interpretei uma rapariga meio selvagem, rebelde, cheia de pitoresco e até, pode dizer-se... de grandeza. Essa epopeia do Oeste, devida à pena do famoso mestre Zane Grey, foi uma das minhas criações mais celebradas pela crítica. No entanto, o papel mais curioso que até agora me coube,



aquele que, sem me comover profundamente a minha alma de artista, mais me agradou interpretar, foi o de «Beverly of Graustark»...

— O *travesti*?

— Exactamente! Não calcula como me divertiu esse meu trabalho. Creio mesmo que foi maior divertimento para mim essa interpretação do que, propriamente, para os espectadores.

— Gostou, então, do seu aspecto «arrapazado»?

— Oh! É tão «picante», tão curioso, para uma mulher tão feminina com eu, ver-se, a si própria, transformada num rapazito galantíssimo, aprendiz de conquistador! E olhe... quer saber...

...Fiquei com pena... de não ser verdade... de não ser homem também!... Um rapazote atiradão... que representasse de galã no cinema...

— E porquê, pode saber-se?

— Ora... porque uma das minhas ambições era... poder cortar o cabelo!... Mas como... onde iriam parar os papeis de donzelinha romântica, que me distribuem sempre e de que, dizem, me saio tão bem nos filmes.

— Mas para «Beverly of Graustark» cortou decerto o cabelo...

— objectei.

— Sim... mas foi um corte provisório... depois deixei logo crescer de novo... Fiz então alguns papeis de *coquette* enquanto me crescia o cabelo e hoje... voltei à primitiva... aos meus cabelos loiros...

E com um gesto de deliciosa elegância, Marion Davies soltou os seus cabelos de ouro, que puseram um novo fulgir no sol, que os acariciou com amor e delícia. E nesse instante desdenhei da inveja de Anita Loos, que classificara Marion como «beleza fria e saxónica».

SUNLIGHT.